O ESTADO DE S.PAULO
Publicado em 13/01/2024 - 06:00

Exportação é recorde, mas Brasil vê crescer dependência da China

Balança comercial **Baixa diversificação**

Com exportação recorde, Brasil vê aumentar a dependência da China

País asiático foi o destino de 30,7% de todos os produtos embarcados pelo Brasil no ano passado

EDUARDO LAGUNA

Muito comemorada pelo governo, a sucessão de recordes na balança comercial desvia as atenções da dificuldade que o País tem de diversificar suas relações de comércio exterior com o resto do mundo. Para chegar à marca histórica de US$ 339,7 bilhões em exportações em 2023, o Brasil contou novamente com a China e seu inesgotável apetite por commodities.

Depois de uma interrupção de tendência nos dois anos anteriores, explicada pela rígida política de covid zero determinada por Pequim, a dependência das exportações brasileiras do mercado chinês voltou a aumentar em 2023. O gigante asiático foi destino de 30,7% do total de produtos brasileiros embarcados. Há dez anos, a China já era com folga o maior mercado do Brasil no exterior, mas sua participação nas exportações totais não chegava a 20%.

Cenário
Enquanto as vendas à China cresceram 16,6% em 2023, as exportações para outros países caíram 3,8%

A China foi o primeiro país a comprar mais de US$ 100 bilhões do Brasil em um ano – mais precisamente US$ 104,3 bilhões, em 2023 –, US$ 14,9 bilhões a mais do que a já expressiva cifra, de quase US$ 90 bilhões, registrada em 2022.

EUA COMPRAM MENOS. Sem o impulso de seu maior parceiro, o Brasil teria resultados bem mais modestos na balança comercial. A começar pelo fato de que as vendas a outros mercados caíram, na média, 3,8% no ano passado, incluindo aí o recuo de 1,5% das exportações aos EUA, segundo maior comprador de produtos brasileiros.

Para a China, ao contrário, as vendas subiram 16,6%, assegurando o recorde de quase US$ 340 bilhões exportados pelo Brasil em 2023, conforme os números da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Mais do que isso: sem o saldo positivo de US$ 51,1 bilhões nas trocas de produtos com os chineses, o Brasil teria apenas pouco mais da metade do superávit comercial, também recorde, de US$ 98,8 bilhões do ano passado.

Para especialistas em comércio exterior, mesmo com a tendência de desaceleração da economia chinesa, essa dependência comercial não é motivo de preocupação por enquanto. O Brasil, dizem, deve continuar sendo um pilar da segurança alimentar na China, ao mesmo tempo em que a expansão da classe média chinesa abre oportunidades de expansão da pauta com seu parceiro comercial.

Na avaliação de Fabiana D'Atri, economista da Bradesco Asset, por trás desses recordes existe uma bem-sucedida estratégia do Brasil de expandir a produção de itens cujas opções de fornecedores são restritas. No caso do minério de ferro, observa ela, não há outros países que concorrem em escala com Brasil e Austrália. Já na soja, nos beneficiamos da substituição do fornecimento dos Estados Unidos, com quem a China trava uma guerra comercial. "São mercados em que não há tantas alternativas", ressalta a economista.

Os prognósticos do mercado para este ano apontam para a manutenção das exportações em nível próximo ao recorde de 2023, com projeções também otimistas – de crescimento das vendas – para os próximos três anos.

A posição do Brasil como um dos maiores produtores de alimentos do mundo se alinha com a prioridade da China de assegurar segurança alimentar com parceiros estratégicos, o que deve ajudar a manter as exportações em alta, a despeito da desaceleração econômica.

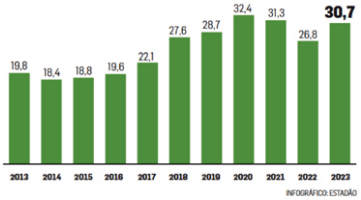
RISCOS. Embora os riscos associados a guerras e adversidades climáticas com o El Niño não possam ser ignorados, especialistas consultados pelo *Estadão/Broadcast* apostam, em geral, na estabilidade de preços e volumes tanto do petróleo quanto da soja. O maior risco, advertem, está no impacto da crise do mercado imobiliário chinês sobre o preço do minério de ferro.

Apesar de não verem riscos imediatos, no longo prazo essa dependência da China não é saudável para o Brasil, segundo especialistas. "No médio e longo prazos, é complicado depender tanto das exportações de commodities a um único país. Seria melhor exportar produtos de maior valor agregado", diz João Ferraz, economista da Coface, especializada em seguro de crédito.

Nas últimas décadas, porém, o Brasil seguiu na direção contrária à da diversificação e qualificação da pauta de exportações, tanto em produtos como em destinos. Enquanto a indústria extrativa e a agropecuária expandiram a produção para atender a China, a indústria de transformação perdeu espaço para a concorrência da própria China em mercados vizinhos. ●

DEPENDÊNCIA

Exportações brasileiras para a China na comparação com as vendas externas totais
PARTICIPAÇÃO EM PORCENTAGEM



INFOGRÁFICO: ESTADÃO

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia & Negócios **Caderno:** B **Pagina:** 1

Copyright © Clipclap 2025.